

A CURA PELO PODER

SARNEY REVELA EM LIVRO DE MEMÓRIAS QUE CONSEGUIU CONTROLAR SEUS MEDOS COM O EXERCÍCIO DA PRESIDÊNCIA. DESTACA A SAGA DO CRUZADO E SE DIZ RESSENTIDO COM ACUSAÇÕES DE QUE O PLANO FOI ELEITOREIRO

MARCELO ROCHA
DA EQUIPE DO CORREIO

Certa vez, em entrevista ao jornalista Oliveira Bastos, organizador do *O outro lado da história*, livro lançado em 2001, José Sarney afirmou que a Presidência da República seria um lugar perigoso. Na visão dele, um cargo que tem o poder de expulsar quem não tem estrutura para exercê-lo. "Ele expele de várias formas: pela renúncia, pela falência física, pela deposição, pelo impeachment, pelo suicídio", avaliou.

Sarney se manteve no posto apesar de toda a conjuntura política que lhe foi desfavorável com a morte de Tancredo Neves e de todos os

"demônios" que enfrentava na intimidade. Na edição de ontem, o *Correio* mostrou, a partir dos rascunhos do livro de memórias no qual trabalha há anos, o quanto ele temeu o exercício do cargo. O ex-presidente relata o profundo processo de depressão e medo às vésperas do dia 15 de março de 1985, quando assumiu o comando da Presidência.

Um país afogado numa inflação galopante, com uma dívida externa sem precedente, cheio de desigualdades regionais e, além disso tudo, uma desconfiança do militares recém-desembarcados do poder. A nação cobrava urgência. Não existia mais tempo para o vice-presidente, elevado à condição de presidente, lidar com as assombrações. Sarney precisava se legitimar e trabalhar.

No início dessa cruzada, buscou o amparo do peemedebista Ulysses Guimarães. Via no presidente da Câmara o ícone da resistência pelo fim do regime de exceção, a quem poderia recorrer para superar fragilidades. "Não havia outra opção senão a de assumir a minha fraqueza para conduzir o país naquela terrível travessia. Ser fraco era o preço para tornar-me cada vez menos fraco", relembra.

No livro de memórias, Sarney apresentará uma série de discursos relativos às ações implementadas por seu governo (leia abaixo). Um deles, por exemplo, quando pediu a ajuda do povo brasileiro para enfrentar a inflação com o Plano Cruzado, em 1986: "Esta é uma convocação para que, juntos, governo e povo, tomem uma decisão grave e difícil. Ela marcará a sorte de nossa sociedade". A população atendeu ao chamado e saiu às ruas como "fiscais do Sarney" a policiar a remarcação de preços.

Houve, no entanto, um revés na conjuntura político-econômica a partir de 1987. O Plano Cruzado degingolou, carregando a popularidade do ex-presidente para o fundo do poço. "Houve uma percepção de que eu havia demorado a adotar medidas corretivas apenas para beneficiar, eleitoralmente, o PMDB", ressentido-se ele, que atribui à mídia interpretação equivocada sobre seu governo.

Às vésperas de assumir o exercício da Presidência em 1985, deprimido e receoso sobre o futuro, Sarney se considerava em fim de carreira. Passado 22 anos, porém, ele se mantém no centro das decisões políticas do país. É sempre consultado pelas principais lideranças partidárias e tem sido corriqueiramente elogiado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Se o exercício da Presidência não exterminou seus fantasmas, pelo menos deve ter ajudado a conviver com eles.

PRIORIDADE: O POVO

"O governo é do povo. O governo sabe que só é legítimo quando o povo se sente no poder e quando o poder está no povo. Adotamos a prioridade pelo social, pelos pobres, e todo o esforço deve ser concentrado para atingir essa meta. O governo optou pela soberania e independência, pelo desenvolvimento, pela identidade cultural, pela liberdade. O governo disse não à recessão, ao arrocho salarial, ao desemprego, à violência. O governo disse sim à reforma agrária, à participação dos trabalhadores nos órgãos de decisão, à austeridade, ao equilíbrio das contas públicas e ao trabalho. O governo não é elitista, nem conservador, nem é dogmático e também não é ideológico. É um governo aberto, democrático, sensível às reivindicações populares, crente nos valores da iniciativa privada, mas vigilante contra os seus desvios, como acordos de preço, como cartéis, abusos do poder econômico."

1º ANO

"Quero agora afirmar-lhes que a nossa tarefa não é impossível. Encontramos o caos. Como já tive oportunidade de assinalar, lembro que herdei para administrar a maior crise política da história brasileira; a maior dívida externa do mundo; a maior dívida interna e a maior inflação que já tivemos. A maior dívida social – a dívida moral. A efervescência das reivindicações e o desespero diante das soluções impossíveis. Posso dizer que o quadro de hoje é diferente. Colocamos em ordem as finanças públicas. Implantamos um regime de austeridade que rende seus frutos. Todos sabem que o governo não é uma festa; é um mutirão de esforços."

Pax Gráfica e Editoria Ltda/Reprodução



FISCAIS DO SARNEY

"Todos estaremos mobilizados nesta luta. Cada brasileira ou brasileiro será um fiscal dos preços. E aí posso me dirigir a você, brasileiro ou brasileira: você está investido pelo presidente para ser um fiscal dos preços em qualquer lugar do Brasil. Ninguém poderá, a partir de hoje, praticar a indústria da remarcação. O estabelecimento que o fizer poderá ser fechado, e essa prática ensinará a prisão dos responsáveis. Conclamo para esta luta os governos estaduais a colaborarem. Convoco o povo brasileiro para viver este grande momento."